28 Criação & Crítica

EDITORIAL

> [...] supor um leitor móvel, plural, que coloca e retira as aspas de modo rápido: que se põe a escrever comigo. (*Roland Barthes por Roland Barthes,* 2017, p. 180)

Este é um dossiê que nasce de encontros espaço-temporais e se desenvolve no encontro do tempo, na distância do espaço. Editar à distância é habitar o virtual: envolve troca de textos, de mensagens de voz, de videochamadas. Os recursos de interação digital presentificam os corpos que estão distantes, embora não afastados. Algo deve acontecer com o corpo pelas mãos que escrevem via teclas e tela. As mãos, nesta posição de viabilizadoras do contato, assumem todo o espaço do corpo, exprimem o movimento dos pensamentos, tropeçam na curva das dúvidas quando param de digitar. Essas mãos distantes permitem a reunião, possibilitam o escrever-junto deste texto-bricolagem. Oferecemos um texto a seis mãos que busca refletir sobre as possibilidades da literatura como encontro – tema que, ao longo deste número, é desdobrado criativamente por várias outras mãos – e o faz no próprio ato, na escrita conjunta, posta no papel e borrada inúmeras vezes até que chegue a esta versão final que aqui se apresenta.

Lembramos, como inspiração, do *Indicionário do contemporâneo,* publicado em 2018 e escrito ao longo de quatro anos a muitas mãos. Cada verbete propõe a discussão de um traço do contemporâneo que reverbera nas criações artísticas, a saber: arquivo, comunidade, endereçamento, contemporâneo, pós-autonomia e práticas inespecíficas. Vemos esse dossiê atravessado duplamente pela obra: de um lado, por suas discussões teóricas percorrerem em parte os trabalhos aqui publicados; por outro lado, pelo modo em que se dá esta escrita-encontro. O trabalho de criação coletiva que aqui se faz também nos remete às realizações do grupo francês Oulipo, que desde 1960 reúne escritores e matemáticos empenhados em estabelecer restrições (ou *contraintes*) como forma de estímulo à escrita. Nesse processo, os textos são compartilhados e, muitas vezes, também escritos a várias mãos, em um trabalho de colaboração contínuo, como o que realizamos aqui.

E, nesse fluxo a seis mãos, voltamos às reflexões sobre o tema do dossiê, lembrando que a literatura, feita de encontros diversos – do autor com a linguagem; da palavra com a superfície; da obra com o leitor; do leitor com suas referências e experiências trazidas à tona no momento da leitura; do autor com o leitor –, permite também o encontro entre desconhecidos, entre culturas, entre diferentes mundos, entre alteridades, entre espécies. Talvez por isso ela ainda tenha função relevante em nosso tempo, por seguir sendo um lugar em que medidas, padrões, categorias e regras, ao se encontrarem nas experiências do texto, são postas em xeque, ~~são~~ desestabilizadas, dobradas, ganhando configurações muito mais fluídas.

Os textos que compõem este dossiê foram selecionados cuidadosamente, com o intuito de atender as mais diversas e criativas possibilidades de encontro, dando

permissão para que diferentes formas de escrita fossem experimentadas sem que, com isso, se perdesse o rigor necessário das produções acadêmicas.

Talvez pela escassez de encontros que definiu quase a totalidade do ano de 2020, nossa vontade é a de começar por um conjunto de textos que trazem relatos do que chamamos aqui de **comensalidade literária**. O percurso se inicia com algum desconforto, percorrendo a dissonância político-ideológica entre “Drummond e a Associação Brasileira de Escritores: desencontros e ruptura”. Esse clima é revertido ao passarmos “Dos desencontros ao encontro: a viagem de Albert Camus ao Brasil em 1949”. Ambos os textos coincidem tanto na contemporaneidade dos eventos que relatam quanto nos vastos conjuntos de documentos históricos, postos em cena para remontar esses dois episódios de relevante importância no contexto político-literário nacional da época. Mantendo o ambiente político e avançando para o presente, “Sobre Literatura, Distopia e José Saramago: Uma conversa com Pilar Del Río” traz reflexões da jornalista e companheira de vida de José Saramago sobre a atualidade, nesta entrevista que nasce de uma multiplicidade de encontros em rede.

Ainda nos ecos políticos de Brasil e Portugal, duas escritoras são convidadas a conversar em “Adília & Ana C.: performances autorais” e seus gestos poéticos se encontram no espaço do artigo. Tal qual no encontro que se dá na escrita, somos lembrados também de que, sozinhos em nossas leituras, estamos sempre juntos: assim nos convida à reflexão de “Literatura: o potencial humanizador da mais solitária das artes”. O fechamento desse bloco se apresenta em forma de melodia com “Encontros, imagens e cruzamentos no álbum Clube da Esquina (1972)”, uma abordagem do contexto de composição e arranjo dessas canções que nascem de amizades de infância e florescem no ápice do período ditatorial do Brasil.

O segundo bloco de textos pode ser nomeado de **escritas conjuntas** e parte da ideia de que escrever não apenas é ato que entrelaça tempos, espaços, assuntos e autores, como também é ação compartilhada, feita por mãos abertas à interferência no momento de composição. A todo instante, elas se repensam e se refazem em diálogo contínuo, disponíveis para o outro. "Isto é um roçar de mãos? Sobre dois livros (e um artigo) escritos em dupla" é todo permeado pela duplicidade, desde o tema abordado até a sua forma de produção. O artigo aborda os dois livros de Ana Martins Marques feitos em dupla, com Marcos Siscar e com Eduardo Jorge, em uma discussão que se desenrola em dupla e reflete sobre a singularidade da escrita compartilhada. Se o texto pode ser feito em duplas, por que não a várias mãos? "Do que estamos falando quando falamos de escrita criativa" parte da experiência com os cursos de escrita, que se tornam cada vez mais abundantes no Brasil, para pensar a experiência compartilhada na sala de aula, espaço e intervalo de tempo em que exercícios são produzidos, lidos e comentados. Por fim, temos "As múltiplas vozes de Davi Kopenawa: por uma escrita em multidão" que, ainda que seja assinado por uma única pessoa, apresenta, tanto na discussão proposta quanto na feitura do texto, a escrita como um ato coletivo: há nele um "nós" que se apresenta do início ao fim. Assim, a partir da experiência de Davi Kopenawa, contada em *A queda do céu*

– na qual o xamã faz-se em-relação-a, torna-se outro –, a autora se deixa misturar a outras pessoas durante todo o processo de escrita, fazendo com que as interferências – inclusive das editoras que aqui vos falam, das pareceristas anônimas e dos revisores – sejam partes essenciais de um texto que só se encerra porque precisa ser publicado.

Todas as vozes são convidadas para o conjunto de textos que se segue. São vozes múltiplas, mas não destoantes. Compõem o cenário sempre em mudança da literatura como arte. A multiplicidade do “Multiálogo e arco tenso: poemas intermídia de Décio Pignatari” é explorada, com toda a mobilidade, a dinamicidade e o contato de saberes diversos que ela mobiliza. Outra nuance do múltiplo aparece em "As faces do narrador em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato", que, ao destacar a voz de um narrador cuja identidade inquieta leitores e crítica, mostra que é possível, na atualidade, encontrar novas formas de narrar, que subvertem a tradição e atualizam o universo literário.

Em movimento análogo a uma batalha de slam, este trecho do editorial foi construído no encontro de frases, feitas por nós de maneira intercalada. Esse movimento interposto alude ao convívio de vozes que ocupam materialmente o espaço da cidade nos encontros de slam, como conhecemos em “Rimando versos, tecendo encontros: Batalhas de poesia em Salvador/Bahia” e em “Performance e política no poetry slam: um olhar Feminista-Decolonial”. O coro de timbres e a costura de textos, feitos do encontro de ideias, gestos e presenças, abrem campo para pensar uma literatura posta em ação no aqui e agora. A cidade que proporciona encontros também está presente em "A cidade no conto 'O brasão da cidade' e o gesto performático narrativo de Franz Kafka”.

Todas essas cidades são compostas por vozes que ainda precisam ser ouvidas. As vozes femininas, produzidas pelas mãos, tanto por gestos que compõem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) quanto pela escrita, são trazidas à cena. Essas são vozes vorazes, no sentido de buscarem com insistência serem ouvidas. “Eu sou surda, tenho a minha voz” trata delas, demonstrando que é na sua diferença que ganham força e singularidade, é na heterogeneidade de suas experiências que devem ser lidas.

Neste próximo conjunto de textos, intitulado **corpos em cena, corpos na escrita**, Franz Kafka reaparece em “O corpo-escrito e o corpo-lido de (e por) Franz Kafka”, agora nos fazendo acompanhar o movimento do artigo de fazer emergir o empenho corporal, operante da escrita e da leitura. Outro corpo-literário surge: novamente com Ana C., somos convocados a pensar sobre “Dá pra falar belo assim?”: Ana Cristina Cesar, embates e figurações do corpo na escrita”. Aquele corpo, composto de fragmentos escritos, se coloca ao lado de outros estilhaços de corpos, em “As marcas do corpo feminino: uma leitura feminista da poesia de Rupi Kaur”. Esses três corpos-textos reforçam o que assistimos então em “Da morte à performance: o a(u)tor contemporâneo”: a autoria voltando à cena, se revelando e reverberando na escrita-leitura.

Já no palco, deixamos nossos corpos escreverem e se inscreverem na dança, entregando-se ao “Tempo e gravidade: emprestar da dança um léxico poético” e aos ritmos de “Rosas en rebétiko, una opera aperta: construcción de subjetividades de género en Oasis (2020) de Daniel Melingo”. Com esses dois textos, encontramos possibilidades

de narrativas, forjadas pelos próprios corpos encontrados em passos e compassos. Seguimos, pois, entregues a “O Palco e a Estrada: o lugar da performance no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, de Ariano Suassuna”, celebrando Suassuna e as artes performáticas, e recordamos a potencialidade de se reunir em “Dramaturgia e resistência: pesquisa, poder e espaço como dispositivos de criação e crítica”.

Com “Três poemas de procura”, abrimos o conjunto de textos da seção de **exercícios de estilo.** Deixamos a bússola do primeiro poema da seleção nos guiar e, em “era recife”, de olhos vedados, somos conduzidas pelo espaço urbano: confiamos nosso caminho à memória corporal das veredas da cidade. Nessa performance, o caminho percorrido às cegas desembocava na Ponte Velha de Recife. Nas mãos do participante era colocado um peixe vivo e a ele era passada a responsabilidade de decisão com a frase: “está nas suas mãos”: a ele caberia decidir manter o peixe nas mãos, preso em um saco plástico com água limpa, ou libertá-lo no rio poluído que corre debaixo da ponte. As mãos, estas mesmas que aqui escrevem, tantas vezes são convocadas a decidir, a estabelecer o laço, o contato. É o jogo que estrutura o terceiro dos trabalhos deste conjunto: “MEWEMWWM”, um mesmo gesto formando três possibilidades. M, E, W: no vídeo, gradativamente vemos duas mãos se aproximando, refletidas na borda inferior da tela pelas letras gráficas que vão variando entre as três opções do alfabeto. Em inglês, “me” (eu) e “we” (nós) se encontram, se chocam e se confundem. É essa tensão-contato que trouxemos na capa deste dossiê, manifestada em todas as partes do processo editorial: nas trocas com autores, revisores, pareceristas, diagramadora. Este nós, plural e multifacetado, é matéria-prima e motivo para construção de um dossiê, de seu tema à sua execução. Dispersos na geografia do mundo, vozes de vários cantos aceitaram generosamente confluir neste caleidoscópio possibilitado pela Literatura como encontro. Nós, equipe editorial, estendemos nossas mãos e os convidamos à leitura destas várias veredas abertas e agradecemos a todos os leitores que vierem ao encontro destes textos. Agradecemos ao espaço na revista Criação e Crítica e a todas as pessoas envolvidas neste processo alongado por quase todo o ano, seguras da potência da pluralidade, do coletivo, da construção em rede.

Katerina Blasques Kaspar
Lia Mota
Marcela Mastrocola

Dezembro de 2020.